

## JESUS E AS MORADAS NA CASA DO PAI: INTERPRETANDO *MONAI* EM JOÃO 14

*João Alves dos Santos\**

### RESUMO

O presente artigo tem em vista explicar o sentido de promessas feitas por Jesus em João 14.1-3 no intuito de consolar seus discípulos em razão da sua volta para o Pai. O autor procura tratar expressões como “casa de meu Pai”, “moradas”, “preparar lugar”, “virei outra vez”, “levarei para mim mesmo” e outras, não como promessas isoladas, mas como afirmações que precisam ser vistas em conexão com todo o Discurso do Cenáculo e, em particular, com o capítulo 14, em que elas estão inseridas. Seu pressuposto é que, para servir de consolo aos discípulos naquelas circunstâncias, a promessa do retorno de Jesus para levá-los para si mesmo deveria apontar para um cumprimento iminente e não para a sua segunda vinda. Antes de voltar, Jesus precisaria completar a obra da redenção através da sua morte, ressurreição e exaltação à mão direita do Pai. Era isso o que ele queria dizer por “ir preparar lugar”. A sua exaltação era a prova de que Deus aceitara a sua obra e, por conseguinte, ele poderia voltar para estar com seus discípulos, não fisicamente como estivera antes, mas através do outro Consolador, o Espírito Santo que prometera. Essa habitação ou “morada” com eles seria realizada tanto pelo Filho quanto pelo Pai. O autor ressalta, porém, que esse modo de interpretar a passagem não diminui a importância e a bem-aventurança da segunda vinda, a *parousia*, pois a habitação que o crente desfruta agora com o Deus trino terá a sua manifestação mais plena e gloriosa no novo céu e na nova terra, onde o santuário será o próprio “Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro”.

---

\* O autor é mestre em Divindade e em Teologia do Antigo Testamento pelo Faith Theological Seminary (EUA) e em Teologia do Novo Testamento pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (São Paulo). É professor assistente de Teologia Exegética do Novo Testamento e coordenador de Educação a Distância (EAD) no CPAJ, membro do corpo editorial da revista *Fides Reformata* e ministro da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Casa do meu Pai; Moradas; *Monai*; Templo; *Parousia*; Casa de Deus.

## **INTRODUÇÃO**

O que Jesus quis dizer com a expressão “na casa de meu pai há muitas moradas”? O que é “casa de meu pai” e o que são “moradas” (*monai*), no texto de João 14? O que ele quis dizer por “voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também”? Como e quando seria essa volta?

No capítulo 13 encontramos Jesus, logo antes da Páscoa e durante a ceia, lavando os pés dos discípulos e ensinando uma lição de humildade. Depois, ele anuncia que vai ser traído por um deles e dá indicações de quem é o traidor. Tendo saído Judas, Jesus passa a fazer revelações sobre a natureza da sua missão de redentor e do que lhe estava reservado. Tinha início sua glorificação por meio do seu sofrimento, morte, ressurreição e ascensão, embora ele não tenha entrado em detalhes sobre esses fatos iminentes. Apenas adverte que seria procurado pelos discípulos, o que implicava a sua ausência, mas que estes não poderiam ir para onde ele estava indo. Assegura o seu amor por eles e apresenta esse amor como o modelo para que eles também amem uns aos outros, pois esta seria a marca do discipulado. Pedro quer saber para onde Jesus estava indo, mas este apenas reitera que para onde ele ia Pedro não poderia ir, pelo menos naquele momento. Ele o seguiria depois, disse Jesus, ao que tudo indica anunciando o tipo de morte que Pedro haveria de sofrer, conforme deixou mais claro em outra circunstância, depois da sua ressurreição (Jo 21.18-19). Pedro faz uma profissão de fidelidade em seguir a Jesus, mesmo que isso custasse a sua vida, mas Jesus o adverte dizendo que o próximo passo na sua caminhada seria negá-lo três vezes, antes que cantasse o galo.

Embora o momento fosse extremamente difícil para Jesus, o seu cuidado era para com os discípulos, que estavam tristes e perturbados com a notícia da sua partida. É neste contexto que ele profere uma das mais sublimes e confortadoras promessas, relacionando esse ato de glorificação recíproca entre o Pai e o Filho (13.31-32) com algo que ele iria fazer em favor dos seus discípulos:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também (Jo 14.1-3, ARA).

A maneira mais comum de entender a passagem tem sido a de que Jesus está falando do seu retorno ao céu, aqui chamado de “casa de meu Pai”, depois da sua ressurreição, onde ele iria preparar “moradas” (*monai*) ou lugar para os

seus discípulos, para depois voltar e levá-los para lá. Essa volta é geralmente interpretada como sendo a segunda vinda de Cristo (a *parousia*). Assim, por extensão de sentido, as muitas “*monai*” seriam moradas ou mansões celestiais a serem habitadas pelos crentes, depois da segunda vinda de Cristo.<sup>1</sup> Embora pareça ser esta a leitura natural, ela não é assim tão evidente, especialmente diante da promessa que Jesus fez de não deixar os seus discípulos “órfãos” (v. 18). Se a palavra era para servir de conforto com a promessa do preparo de moradas nos céus e o retorno de Jesus para levá-los até lá, como compreendê-la se esse fato ainda não aconteceu? Que conforto teriam tido os discípulos se a tivessem aguardado durante todo o seu tempo de vida, sem ver o seu cumprimento?

Como a passagem faz parte de um contexto maior, conhecido como o discurso de Jesus no cenáculo, também chamado de discurso de despedida, todo esse contexto deve ser levado em consideração, especialmente o do capítulo 14, no esforço de compreendê-la. É o que se pretende fazer neste trabalho.

## 1. O USO DOS TERMOS E EXPRESSÕES

### 1.1 O uso de *μοναί* e *μονή*

O substantivo grego *μονή* é usado apenas duas vezes no Novo Testamento e esses dois usos ocorrem aqui, neste capítulo 14 de João: no v. 2, na sua forma plural (*μοναί*), e no verso 23, na sua forma singular (*μονή*). No grego clássico, segundo os dicionaristas, ele pode ser traduzido como “morada”, “habitação”, “pousada”, “residência”, “quarto”, “estada”, “permanência”, etc.<sup>2</sup> Seu uso não é apenas o de substantivo concreto, denotando uma habitação física, material, mas também o abstrato ou figurado, denotando o ato de habitar, de residir ou de permanecer. Como só temos essas duas ocorrências no Novo Testamento, estamos privados de qualquer outro elemento de comparação, a não ser no

<sup>1</sup> O termo “mansões”, usado em traduções mais antigas, vem provavelmente do latim da Vulgata “*mansiones*” (de *mansio*), que não tem o significado de uma morada espaçosa ou luxuosa, mas o de uma residência ou mesmo de um “lugar de parada”, como um albergue ou pousada. “Mansions”, usado em algumas traduções inglesas, como a King James, pode ter a sua origem na tradução de Tyndale, do século 16, mas naquela época a palavra significava apenas uma “morada” ou “habitação” e não tinha o significado que tem hoje (ver nota textual 3 de João 14.2, da *NET Bible @1996-2006*, Biblical Studies Press, versão online, disponível em <http://www.netbible.org>, acesso em 15 out. 2011).

<sup>2</sup> Cf. verbete *μονή*, in BAUER, Walter. *A Greek English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Tradução para o inglês de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago: The University of Chicago Press, 1973, p. 529; LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Greek-English lexicon of the New Testament based on semantic domains*. New York: United Bible Societies, 1988-1989, in Bibleworks. Software. Norfolk: Bibleworks, 2008; LIDELL, H. G., SCOTT, R. *A Greek-English lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1996, in Bibleworks. Software. Norfolk: Bibleworks, 2008; FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy; MILLER, Neva F. *Analytical lexicon of the Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker, 2000, in Bibleworks. Software. Norfolk: Bibleworks, 2008. THAYER, J. H. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1996, p. 417.

grego secular ou clássico. É útil observar, portanto, que nos textos clássicos, como vimos acima, o termo é usado também para denotar a permanência ou “habitação” de alguém em determinado lugar.<sup>3</sup> Nesse uso, a ideia está principalmente no sentido de “permanência” ou “estada”, mesmo que seja temporária.<sup>4</sup>

Os estudiosos, de modo geral, ligam a origem de *μονή* ao verbo *μένω*, que significa “ficar” ou “permanecer”, justificando assim o sentido básico desse substantivo que seria o de “permanência”, “estada” ou “alojamento” em determinado lugar.<sup>5</sup> João, em particular, faz uso abundante e bem específico desse verbo (*μένω*), com o sentido de “ficar” ou “permanecer”. Colin Brown observa que das 118 ocorrências desse verbo no Novo Testamento, 64 se acham nos escritos de João (40 no evangelho e 24 nas epístolas).<sup>6</sup> Grande parte dessas ocorrências tem sentido espiritual, ao retratar o relacionamento entre Deus e o crente. É o que encontramos em João 15.4-5:

... permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer... (ARA)

ou como traduz a ARC, um pouco mais literalmente,

<sup>3</sup> W. Bauer menciona este uso em Eurípedes, Heródoto, *Oriens Graeci Inscriptiones Selectae* (527,5), Filo (*Mos.* 1,316) e cita uso semelhante ao que encontramos em João 14. 23, “faremos nele morada” (*μονήν παρ’ αὐτῶ ποιησόμεθα*), com o sentido de “habitar” ou “ficar” (*μονήν ποιῆσθαι*), em Tucídides 1,31,1; em BGU (*Aegyptische Urkunden aus den Museen zu Berlin*) coleção 742; e em Josefo (*Antiguidades* 8,350;13,41). No sentido de “morada” ou “lugar de habitação” (*μονήν ποιῆν*) ele cita Charito 1,12; Pausanias 10,31,7 e O. Shaefer, ZNW 32,33,210-217, cf. op. cit., verbete *μονή*, in BAUER, op. cit., p. 529. J. H. Thayer também cita o uso de Josefo desse termo no sentido de “ficar”, “habitar”, dando como referência sua obra *Antiguidades*, mas com indicação de capítulos modificada: 8,13,7; 13,2,1. Cf. THAYER, op. cit., p. 417.

<sup>4</sup> Essa ideia de habitação temporária é o que leva alguns a interpretar a passagem como se falasse de diferentes estágios na peregrinação humana até chegar ao destino final. Orígenes entendia a passagem como se referindo a paradas ou “estações” no caminho para os céus, o que favoreceria o entendimento gnóstico segundo o qual a alma, em seu aperfeiçoamento, passa por diversos estágios em que é gradualmente purificada de tudo o que é material e, por conseguinte, mau (cf. nota textual 3 de João 14.2, da *NET Bible @1996-2006*, Biblical Studies Press, versão online, disponível em <http://www.netbible.org>, acesso em 15 out. 2011). Este é também o entendimento do espiritismo, conforme a interpretação de Allan Kardec: “A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos Espíritos que neles encarnam as moradas apropriadas ao seu adiantamento” (cf. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. 112ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, Departamento Editorial, s/d, p. 71.

<sup>5</sup> Cf. THAYER, J. H., op. cit., p. 417, e BROWN, Colin, verbete “permanecer”, in *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1983, vol. III, p. 532.

<sup>6</sup> Cf. BROWN, Colin, op. cit., p. 533.

Estai em mim, e eu, em vós (μείναιτε ἐν ἐμοί, κἀγὼ ἐν ὑμῖν); como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer.

Esse mesmo verbo é usado para expressar o relacionamento entre o Pai e o Filho, na medida mais íntima e profunda em que um relacionamento pode ser possível. Jesus apresenta essa união entre as duas pessoas como estando uma na outra: “Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras” (Jo 14.10, ARA).<sup>7</sup> Na medida em que esse relacionamento pode ser possível entre Cristo e o crente, ele é retratado com o uso do mesmo verbo em passagens como João 6.56: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu, nele” (ARC) e 1João 3.6: “Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu” (ARA). Paulo também faz uso significativo dessa ideia por meio das expressões “estar em Cristo” ou apenas “em Cristo”, que lhe são características, como em Romanos 6.3,11,23; 8.1,2,39; 12.5,7 e inúmeras outras passagens em todas as suas epístolas.

## 1.2 O uso da expressão “casa de Deus” (בֵּית אֱלֹהִים) no Antigo Testamento

A primeira ocorrência da expressão “casa de Deus” é encontrada em Gênesis 21.17, quando Deus fala a Jacó em sonho, estando ele em Harã, e lhe faz promessas (21.10-19). Diz o texto que: “Acordado, pois, Jacó do seu sono, disse: Na verdade o SENHOR está neste lugar, e eu não o sabia. E temeu e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a Casa de Deus; e esta é a porta dos céus”. Aqui Jacó associou o nome “casa de Deus” ao lugar onde estava, por ver que Deus estava ali, lugar esse ao qual chamou de Betel, cujo significado é exatamente esse: “casa de Deus” (v. 16-17,19). Logo após, chamou também a própria pedra que lhe servira de travesseiro e a qual erigira como coluna ou memorial de “casa de Deus” (v. 22).

Construído o tabernáculo, este passou a ser chamado “casa de Deus”, naturalmente porque representava a morada ou habitação de Deus na terra, com o seu povo.<sup>8</sup> Com a substituição do tabernáculo pelo templo, já desde os preparativos e durante a sua construção, este passou a ser chamado “casa de

<sup>7</sup> O verbo μένω está subentendido na primeira parte do versículo e só aparece na segunda, na expressão “mas o Pai, que está em mim, é quem faz as suas obras” (ὁ δὲ πατήρ ἐν ἐμοὶ μένων ποιεῖ τὰ ἔργα αὐτοῦ). O texto bizantino traz αὐτός em lugar de αὐτοῦ (αὐτός ποιεῖ τὰ ἔργα), dando ênfase à pessoa do Pai como o feitor das obras (*ele mesmo é quem faz as obras*).

<sup>8</sup> Jz 18.31; 1Cr 6.48; 9.11,13,26-27; 22.2; 23.28; 25.5; 25.6; 26.20; 28.12,21.

Deus”.<sup>9</sup> Depois de dedicado, esta ficou sendo a sua designação característica, não só durante o período em que esteve de pé até que fosse destruído pelos babilônios,<sup>10</sup> mas também depois da sua reconstrução, nos dias de Esdras e Neemias.<sup>11</sup> Também nos Salmos (42.4; 52.8; 55.14) e em Eclesiastes (5.1) a expressão “casa de Deus” deve ser entendida como se referindo ao tabernáculo e ao templo, respectivamente, pois estes parecem ser os únicos lugares que se encaixam no contexto das passagens.

Outras passagens do Antigo Testamento usam expressões diferentes para se referir ao lugar da habitação de Deus. Em algumas, esse lugar pode ser o céu, como está claramente indicado nas passagens de 1Reis 8.30,32 e 2Crônicas 6.21, quando Salomão ora pedindo: “Ouve, pois, a súplica do teu servo e do teu povo de Israel, quando orarem neste lugar; ouve do lugar da tua habitação, dos céus; ouve e perdoa”. Aqui, o “lugar da tua habitação” (מְקוֹם שְׁבִתְךָ) é claramente identificado como sendo os céus (הַשָּׁמַיִם).<sup>12</sup> O mesmo acontece em Isaías 63.15, quando o profeta ora dizendo: “Atenta do céu e olha da tua santa e gloriosa habitação”. Mas o contexto de outras passagens parece favorecer mais a interpretação de uma habitação terrestre de Deus, seja o tabernáculo ou o templo. É o caso de Isaías 18.4 e Miqueias 1.3. Na primeira dessas referências a expressão “minha morada” (בְּמִכּוֹנֵי) parece mais, à luz do contexto, referir-se ao santuário terrestre, ao templo, principalmente em face do seu último versículo (v. 7), que menciona o “lugar do nome do Senhor dos Exércitos” como sendo o monte Sião, para o qual seria levado um presente ao Senhor.<sup>13</sup> Mesmo na passagem de Miqueias 1.3, em que se diz que o Senhor “sai do seu lugar e desce e anda sobre os altos da terra”, embora a linguagem favoreça a interpretação desse “seu lugar” como sendo os céus, ainda é possível e até preferível, como crê Calvino,<sup>14</sup> entender esse lugar como sendo o templo, à luz do contexto. O templo, por estar construído sobre um monte, um lugar alto, comporta a ideia de descer, ao se sair dele para andar sobre os altos da terra.

<sup>9</sup> 1Cr 29.7; 2Cr.3.3; 4.11; 5.1,14.

<sup>10</sup> 2Cr7.6; 15.18; 22.12,23,39; 24.7,13,27; 25.24,28,24; 31.13,21; 33.7; 34.9; 35.8; 36.18-19; Dn 1.2; 5.3.

<sup>11</sup> Ed 1.4; 2.68; 3.8,9; 4.24; 5.2,13,14-17; 6.3,5,7,8,12,16,17,22; 7.24; 8.36; 10.1,6,9; Ne 6.10; 8.16; 11.12,16,22; 12.40; 13.7,9,11.

<sup>12</sup> Essas passagens usam preposições diferentes antes dos substantivos, causando certa dificuldade para os intérpretes. 1Rs 8.30 usa a preposição אֶל (para, em direção a, em referência a), ao passo que 2Cr 6.21 usa a preposição מִן (de, a partir de). Em razão do contexto, todavia, a tradução geralmente dada a ambas é “a partir de” ou “de”. Assim, tanto אֶל-הַשָּׁמַיִם שְׁבִתְךָ, quanto מִן-הַשָּׁמַיִם שְׁבִתְךָ são traduzidos como “do lugar da tua habitação, dos céus”.

<sup>13</sup> Calvino entende ser esta interpretação de “minha morada”, como uma referência ao santuário (templo), a mais provável. Cf. CALVIN, John. *Commentary on the prophet Isaiah*. Grand Rapids: Baker, 1981, vol. II, p. 40.

<sup>14</sup> Cf. CALVIN, John. *The Commentaries on the Minor Prophets*. Grand Rapids: Baker, 1981, vol. III, p. 157-158.

### 1.3 O uso da expressão “casa de meu Pai” (οἰκία τοῦ πατρὸς μου) no Novo Testamento

A expressão “casa de meu pai”, no texto grego do Novo Testamento, é usada apenas em dois lugares e em ambos por Jesus: nesta passagem de João 14.2 e em João 2.16.<sup>15</sup> Assim, embora a expressão em João 14.2 possa ser entendida em seu sentido comum, como se referindo ao céu, é possível também estudá-la e interpretá-la à luz dessa outra passagem. Aqui encontramos Jesus expulsando os vendilhões do templo, ao qual denomina “a casa de meu Pai” (τὸν οἶκον τοῦ πατρὸς μου). A diferença é que aqui João usa o substantivo masculino οἶκος em vez do feminino οἰκία, empregado no nosso texto em discussão (João 14.2). Οἶκος é o termo usado uniformemente na Septuaginta para traduzir a palavra “casa” (בַּיִת), nas passagens relacionadas ao templo, vistas anteriormente, pois aqui Jesus faz referência a ele. Ambos os termos, οἶκος e οἰκία, podem significar “casa”, “lugar de habitação”, assim como “família” ou “aqueles que habitam na casa”, tanto no grego clássico como no do Novo Testamento.<sup>16</sup> São praticamente sinônimos. Todavia, o fato de o mesmo autor ter usado no mesmo livro palavras diferentes pode ter algum significado. Não há dúvida de que οἶκος, na passagem de João 2.16, se refere ao templo de Herodes, mas qual seria o sentido de οἰκία em João 14?

Nesse mesmo episódio Jesus se referiu ao templo como uma metáfora do seu próprio corpo, quando os judeus lhe replicaram dizendo: “Que sinal nos mostras para fazeres estas coisas?”. Foi então que ele deu a resposta que nos leva a compreender o real significado do templo: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2.18-19). Aqui João usa o termo ναός (santuário) em lugar de οἶκος, o que não deixa de ser significativo. Desde a encarnação, o santuário de Deus (o lugar da sua habitação) na terra, em sentido real e não apenas simbólico, passou a ser a própria pessoa do Filho. O templo tinha cumprido a sua função como santuário de Deus e deixaria de existir em breve, como de fato aconteceu.

É o próprio João quem nos ensina esse conceito de santuário no sentido de Deus estar com os homens na pessoa de Cristo, quando relata o misterioso e inaudito acontecimento da encarnação: “O verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (1.14). Convém lembrar que o verbo “habitar” aí empregado (σκηνώ) é o que fornece a raiz para a palavra “tabernáculo” (σκηνή): uma

<sup>15</sup> Muitas versões traduzem a expressão ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναι με de Lucas 2.49 como “me convém estar na casa do meu pai”, mas a palavra οἶκος não aparece no texto. Pela ausência da palavra e pelo uso do plural, versões como a ARC e a King James traduzem-na como “convém tratar dos negócios do meu Pai”. Literalmente seria “convém estar nas coisas de meu Pai”. A ideia de casa é suprida, talvez pela própria finalidade do templo.

<sup>16</sup> Ver verbetes οἶκος e οἰκία em BAUER, op. cit., p. 559 e 562-3, e THAYER, op. cit. p. 441.

habitação portátil e temporária, uma tenda. Louw e Nida consideram o verbo σκηνώ, de onde vem σκηνή, semanticamente correspondente ao substantivo μονή,<sup>17</sup> o termo de João 14 de que estamos tratando, e citam mais dois usos bíblicos desse verbo: em Apocalipse 21.3 e 2 Coríntios 12.9.<sup>18</sup> No primeiro destes, também de João, narrando sua visão do novo céu e da nova terra, ele diz: “Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles”. Os termos “tabernáculo” e “habitará” são respectivamente o substantivo σκηνή e o verbo σκηνώ. A ideia de “estar com eles” é aqui apresentada através do verbo εἰμί (ἔσται), mas reflete o sentido de μένω já anteriormente visto.<sup>19</sup>

Louw e Nida ainda lembram que o uso desses termos é figurado, pois falam de uma existência e residência espiritual e não humana, a forma mais significativa de combinar existência espiritual e humana em uma mesma pessoa. Lembram ainda que, em certos idiomas, é melhor empregar expressões que signifiquem simplesmente “estar em” ou “continuar com” do que “morar” ou “habitar”, pois pode ser que em tais idiomas esses verbos tenham sentido mais específico e literal do que o empregado nessas passagens.<sup>20</sup>

Assim, não seria totalmente inadequado ligar o uso metafórico que Jesus fez do seu corpo, como santuário ou habitação de Deus, com o sentido de μοναί em João 14. As moradas seriam compreendidas como representativas do relacionamento entre Jesus e o Pai e de ambos com o crente.

#### **1.4 O uso da expressão “casa de Deus” (οἶκος τοῦ θεοῦ) no Novo Testamento**

Se a expressão “casa de meu Pai” é usada apenas duas vezes no Novo Testamento, por outro lado, a expressão “casa de Deus” é usada seis vezes. Três delas estão nos evangelhos e se referem, em passagens paralelas, ao mesmo episódio narrado por Jesus, quando Davi entrou no tabernáculo e comeu os pães da proposição (Mt 12.4; Mc 2.26; Lc 6.4). Nessas passagens, a expressão se refere, portanto, ao tabernáculo. As outras três estão nas epístolas: a primeira, na passagem em que Paulo dá orientações a Timóteo sobre como proceder na “casa de Deus”, que ele identifica como “a Igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15); a segunda, na comparação que o autor de Hebreus faz entre os sacrifícios do sistema levítico, que precisavam ser repetidos, e o único e suficiente sacrifício de Cristo, a quem ele chama de grande sacerdote

<sup>17</sup> Ver verbete σκηνώ, in LOUW, Johannes P. e NIDA, Eugene A., op. cit.

<sup>18</sup> Nessa passagem, o verbo aparece na sua forma composta, ἐπισκηνώ, que tem o mesmo significado.

<sup>19</sup> Ver o uso desses dois verbos no comentário de João 14.17, na pág. 58 deste artigo.

<sup>20</sup> Ibid.

sobre a “casa de Deus” (Hb 10.21); e a terceira, no ensino de Pedro, quando diz que a ocasião de começar o juízo pela “casa de Deus” era chegada (1Pe 4.17). O sentido de “casa de Deus” nestas três últimas ocorrências não pode fazer referência ao tabernáculo, que já não existia, e nem ao templo, pois a igreja já havia rompido com o judaísmo e com o seu sistema de culto, dando lugar ao sistema da nova aliança, do qual exatamente fala o autor de Hebreus.

Outro uso da palavra “casa” ainda é encontrado em Hebreus 3.1-6, em que a expressão usada é “em toda a sua casa” e não “em toda a casa de Deus”. A referência, contudo, é à “casa de Deus” e o sentido é semelhante ao dos três últimos textos estudados. Aqui o autor estabelece uma comparação entre Moisés e Cristo e sua relação com aquilo que ele chama de “casa” (οἶκος). Jesus é apresentado como sendo superior a Moisés porque é filho e não servo. Moisés é apresentado como fiel “em toda a sua casa” (ἐν [ὅλῳ] τῷ οἴκῳ αὐτοῦ)<sup>21</sup> como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas (v. 2,5), mas Jesus é apresentado como “digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu” porque é filho e o senhor da casa<sup>22</sup> (ὡς υἱὸς ἐπὶ τὸν οἶκον αὐτοῦ – v. 3). Certamente há uma referência aqui ao tabernáculo construído por Moisés, na qualidade de servo fiel de Deus e líder do seu povo, como protótipo ou antecipação da casa que seria construída por Cristo, como filho de Deus e senhor dela, a quem o autor chama de Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão. Essa casa o autor identifica como sendo “nós, se guardarmos firme, até o fim, a ousadia e a exultação da esperança” (v. 6). É dito que o trabalho de Moisés, como servo, era para testemunho das coisas que seriam anunciadas no futuro (v. 5).

Aquilo que era um mistério oculto no passado e foi revelado na “dispensação da graça”, como Paulo chama o seu tempo, ele descreve em Efésios 3.1-12 como sendo a chamada dos gentios para serem membros do mesmo corpo com os judeus crentes, co-herdeiros e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho (v. 6; Cl 1.26). Em Colossenses 1.26-27 ele se refere à riqueza da glória desse mistério e o define como “Cristo em vós, a esperança da glória”. Em Colossenses 2.1-1 ele chama o próprio Cristo de mistério de Deus e em 1Timóteo 3.16 ele resume essa revelação, qualificando-a como o mistério da piedade: “Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória”. Em outras palavras, Cristo é o mistério e a igreja é o meio para tornar a multiforme sabedoria de Deus “conhecida, agora, dos principados

<sup>21</sup> Embora algumas versões como ARA, NIV e NVI interpretem “sua casa” como “casa de Deus”, a expressão “de Deus” não está no texto grego, nem no v. 2, nem no v. 5. Contudo, que é esse o sentido de αὐτοῦ fica evidente em Números 12.7, onde Deus diz: “Não é assim com meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa” (יֵשׁוּעַ לִּי בְּכָל־בֵּיתִי). O autor de Hebreus está citando essa passagem a partir da LXX, como o faz sistematicamente, cujo texto é: ἐν ὅλῳ τῷ οἴκῳ μου (“em toda a minha casa”).

<sup>22</sup> Como senhor da casa não deixa de ser também seu construtor, Deus que é.

e potestades nos lugares celestiais” (Ef 3.10). A igreja é o corpo de Cristo, o número total dos salvos, tanto do Antigo como do Novo Testamento, sobre os quais ele preside como cabeça, assentado à direita do Pai (At 2.33-36; Hb 1.3). É como devemos entender o sentido de “casa de Deus” ou “toda a casa de Deus” nesta passagem.

### 1.5 O uso de *μονή* em João 14.23

Já foi dito que o substantivo *μονή* só é usado duas vezes no Novo Testamento e ambas neste capítulo 14 de João: no versículo 2, objeto de nosso estudo, e no versículo 23. Portanto, o uso neste versículo 23 pode ser considerado fundamental para o sentido que João quer dar à palavra no contexto de todo o capítulo. E nesse versículo 23 não há dúvida de que Jesus está falando de uma habitação espiritual junto com aquele que o ama e guarda a sua palavra, tanto a dele quanto a do Pai. A promessa é de que o Pai e o Filho viriam a ele (*πρὸς αὐτόν*) e fariam com ele (*παρ’ αὐτῶ*) morada.<sup>23</sup>

No contexto anterior Jesus está falando sobre o Espírito Santo, o outro Consolador que o Pai daria aos seus discípulos, a rogo seu, para que estivesse para sempre com eles (v. 16). No v. 17 ele afirma que os discípulos já o conheciam, porque habitava (verbo *μένω*) com eles (*παρ’ ὑμῖν* – “convosco”), mas que passaria a estar neles (*ἐν ὑμῖν* – “em vós” – verbo *εἶμι*). Não apenas o uso de preposições diferentes, mas a própria natureza da afirmação evidencia que Jesus estava falando de uma nova relação que teria lugar entre o Espírito e os discípulos, após a sua partida. Até então essa função de Consolador era exercida por Jesus, assistido naturalmente pelo Espírito, que lhe foi dado por Deus sem medida (Jo 3.34). É possível dizer que o Espírito estava com eles (*μεθ’ ὑμῶν*) na pessoa de Jesus. Após a sua partida, ao ser “dado” pelo Pai, estaria nessa capacidade de Consolador não apenas “com eles” (*μεθ’ ὑμῶν*), mas “neles” (*ἐν ὑμῖν*), e para sempre.

Ele é chamado de “outro<sup>24</sup> Consolador” porque continuaria a desempenhar agora, habitando nos discípulos, aquela mesma função que Jesus desempenhava enquanto estava com eles, a de “*parakletos*”: consolador, ajudador, intercessor, assistente ou advogado.<sup>25</sup> E é nesse contexto que ele afirma que não os deixaria

<sup>23</sup> Algumas versões traduzem a preposição *παρά*, aqui usada com o dativo de *αὐτός* (*αὐτῶ*) como significando “nele” (ARA, ARC, NVI, etc.). O modo como se dá essa habitação no crente não é o ponto chave desta passagem, mas sim a ideia da presença de Cristo com ele, pois o contexto é o do preparo dos discípulos para a sua “ausência”, ainda que por pouco tempo. *Παρά* com o dativo pode ser traduzido como “diante de”, “na presença de” ou “ao lado de”, “com”, etc., e esta ideia faz sentido neste texto que é geralmente interpretado como sendo a promessa da vinda do “Paráclito”, “aquele que é chamado para estar ao lado de”.

<sup>24</sup> O adjetivo usado aqui é *ἄλλος* e não *ἕτερος*, o qual denota outro de igual natureza ou função.

<sup>25</sup> O verbo *παρακαλέω* do qual deriva o adjetivo *παρακλετος* significa “chamar para junto de”, de onde provém a ideia de alguém que é chamado para assistir a outrem na qualidade de assistente ou defensor (advogado).

“órfãos” ou desassistidos, pois voltaria para eles (v. 17). Essa, então, não é uma promessa da sua segunda vinda, pois doutra forma os discípulos teriam ficado órfãos, mas da volta de Jesus na pessoa do Espírito Santo, o que aconteceu alguns dias depois da sua ascensão (Pentecostes). Para que os discípulos pudessem compreender como ele poderia voltar na pessoa do Espírito Santo (o outro Consolador), ele afirma que “naquele dia”, eles conheceriam que ele (Jesus) está no Pai, que eles (os discípulos) estão nele e ele (Jesus) está neles (v. 20). Que ele falava de uma volta eminente fica claro também pelo contexto posterior, quando diz:

Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. Ouvistes que eu vos disse: vou e volto para junto de vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu. Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais (Jo 14.25-29).

E é no contexto imediatamente anterior que ocorre a pergunta de Judas, não o Iscariotes, que ocasionou a promessa do v. 23.

A expressão do v. 27, “Não se turbe o vosso coração” (μη ταρασσέσθω ὑμῶν ἢ καρδίᾳ), é a mesma do v. 1. Fica difícil supor, então, que Jesus não estivesse falando do mesmo assunto em todo este capítulo. Por isso, é possível associar a expressão “moradas”, do v. 2, ao contexto do envio do outro Consolador, o Espírito Santo. Nos versos 1-4 ele condiciona a preparação de lugar para os discípulos à sua ida e à sua volta: a expressão “καὶ ἐὼν πορευθῶ καὶ ἐτοιμάσω τόπον ὑμῖν”, “se eu for e vos preparar lugar”, é traduzida pela ARA como “quando eu for e vos preparar lugar”, tradução essa que tira a força do argumento de Jesus sobre a necessidade e a inter-relação entre a sua ida e a preparação de lugar para que pudesse voltar e receber os discípulos para si mesmo.<sup>26</sup> O argumento de consolo que Jesus estava usando parece ser exatamente esse, que ele precisava ir e preparar lugar antes que pudesse voltar. Se colocada na forma negativa, essa necessidade fica mais evidente. Equivaleria a dizer: “Se eu não for e não vos preparar lugar, não poderei voltar e vos levar para mim mesmo”. No resultado dessa ida, que se fazia necessária, estava a razão do conforto para os discípulos.

<sup>26</sup> Infelizmente, nossa língua não é capaz de expressar essa condicionalidade indicada pela conjunção ἐὼν (que significa “se”), sem que transmita a ideia de dúvida a respeito dessa ida e preparo de lugar. Esta é a razão da mudança de “se eu for” para “quando eu for” na tradução da ARA (Revista e Atualizada). Outras versões, porém, como a ARC (Revista e Corrigida) e a NVI (Nova Versão Internacional), em português, e a NIV (New International Version), a NET (The Net Bible), a KJV (King James Version), a ASV (American Standard Version) e a NAS (New American Standard Bible), dentre outras em inglês, traduzem literalmente ἐὼν como: “se eu for e vos preparar lugar”, fazendo jus ao sentido original.

### 1.6 O sentido de “preparar lugar” (ετοιμάζειν τόπον)

O que seria “preparar lugar” (ετοιμάσαι τόπον)? Lugar seria o mesmo que “moradas” (μοναί)? Caso se interpretem as duas palavras como se referindo à mesma realidade, e ambas forem tidas como se referindo a lugares no céu, Jesus estaria dizendo que, embora houvesse muitas moradas no céu, aqui entendido como “casa do meu Pai”, tais moradas ainda não estavam preparadas. Alguns entendem, inclusive, que esse preparo estaria relacionado à questão de galardões individuais, com recompensas diferentes conforme a obra de cada um.<sup>27</sup> Mas teria sido este o propósito da sua partida ou, pelo menos, o propósito principal, conforme o texto?

E para onde Jesus estava indo, de acordo com a passagem? Quando ele fala aos discípulos que eles sabiam o caminho para onde ele ia, Tomé argui dizendo que eles nem sabiam para onde ele ia – como, então, poderiam saber o caminho –, dando ensejo a esta importante e profunda declaração de Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (v. 6). À primeira vista, a conversa parece apontar para o céu como o lugar para onde Jesus estava indo a fim de preparar lugar. E não há dúvida de que Jesus voltaria ao céu depois da sua ressurreição. Mas ele coloca o foco não nos céus, como lugar, mas no Pai, como o destino dessa ida: “ninguém vem ao Pai senão por mim”. O verbo aqui traduzido por “vem” (ἔρχομαι) poderia igualmente ser traduzido por “vai”.<sup>28</sup> Então, ele poderia estar dizendo “ninguém vai ao Pai senão por mim”. Vir e ir ao Pai são a mesma coisa com respeito ao que ele está dizendo. Ele é o caminho que leva ao Pai, não apenas ou primariamente ao céu. O céu, como lugar definitivo em que os salvos habitarão com Deus (chamado em Apocalipse de “novo céu e nova terra” – 21.1), parece estar numa perspectiva futura e secundária no discurso de Jesus. Estar com o Pai já seria estar nos céus. Ele estava voltando para o Pai, qualquer que fosse o lugar onde esse encontro se daria.

<sup>27</sup> Esta é a explicação da passagem encontrada no *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições da Bíblia”*, de Norman Geisler e Thomas Howe (São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 427), que tem suas raízes tanto na tradição judaica quanto patrística. William Barclay cita o *Livro dos Segredos de Enoque*, que diz: “No mundo vindouro há muitas mansões preparadas para os homens: boas para os bons e más para os maus”. Cita também uma interpretação de Irineu, de Mateus 13.8, segundo a qual ele entendia que “há diferentes produções (colheitas) e diferentes recompensas. Alguns serão considerados dignos de passar toda a eternidade na própria presença de Deus; outros irão para o Paraíso e outros se tornarão cidadãos ‘da cidade’”, cf. BARCLAY, W. *The Gospel of John*. Philadelphia: The Westminster Press, 1956, vol. 2, p. 178-179. Raymond Brown também faz referência a esses textos, identificando-os como pertencentes às obras *Slavonic Enoch* xli.2 e *Adv. Haer. (Contra as heresias)* v. 36.2 e PG (Patrologia Graeca-Latina) 7:1223, respectivamente. Cf. BROWN, R. *The Gospel according to John*. Anchor Bible, vol. 29A. New York: The Anchor Bible Doubleday, 1970, p. 619.

<sup>28</sup> O verbo não tem em si a ideia de direção, mas de locomoção ou movimento e, dependendo do contexto, tanto pode significar “vir” como “ir”.

Se essas palavras estiverem ligadas ao contexto imediatamente anterior, e tudo indica que sim, então o “lugar” que Jesus foi preparar está relacionado com o Pai e não com a ideia de um espaço, ainda que numa dimensão espiritual. O substantivo τόπος também pode denotar um ofício, posição ou tarefa, sem necessariamente ter a ideia de “lugar” ou espaço, como encontramos em Atos 1.25.<sup>29</sup> Um lugar junto ao Pai, portanto, pode significar uma posição ou situação de relacionamento e não de espaço.<sup>30</sup> Jesus estava para concluir as últimas etapas da sua obra de reconciliação de Deus com o homem (2Co 5.19). Estava a caminho da cruz, o modo que Deus providenciou para fazer essa reconciliação (Ef 2.16; Cl 1.20; 2.14-15; Hb 12.2). Precisava morrer em lugar dos seus discípulos, ressuscitar, demonstrando não apenas sua vitória sobre a morte, mas também a aceitação de sua obra por parte do Pai e, depois, ser exaltado à destra de Deus, recebendo o nome que está sobre todo nome (Fp 2.9; Hb 8.1; 10.12; 12.2; 1Pe 3.22). Ele precisava preencher essas condições para que pudesse enviar aos discípulos o Espírito Santo. Precisava ser glorificado antes que pudesse cumprir as promessas dos versos 16-17 e 26 deste capítulo 14.

Neste mesmo evangelho encontramos João explicando, em relação à promessa de Jesus em 7.37-39, que “o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (Jo 7.39). Pedro, no Pentecostes, interpreta o que estava acontecendo como o resultado direto da exaltação de Jesus: “Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.33-36). Segundo Pedro, aquele evento na terra era a confirmação do que havia acontecido nos céus. Jesus havia completado a sua obra e agora tinha sido entronizado à mão direita do Pai. Não é impróprio, portanto, ligar esse episódio ao nosso texto e concluir que o lugar que Jesus fora preparar junto ao Pai estava agora

<sup>29</sup> Cf. o verbete τόπος, in FRIBERG, B., op. cit.

<sup>30</sup> Ver menção ao ensino de Louw e Nida sobre o sentido de μένω na página 6 deste artigo. É assim também que R. H. Gundry interpreta esta passagem. À luz do contexto deste capítulo e do seguinte (Discurso do Cenáculo), em que “estar” ou “habitar” é frequentemente usado em sentido espiritual (14.10, 17; 15.4-7,9-10), ele diz: “Poderia estar mais claro no contexto de que a primeira coisa em que pensamos quando lemos “na casa de meu Pai há muitas ‘μοναί’ não são mansões no céu, mas posições espirituais em Cristo, assim como na teologia paulina? De fato, o vasto contexto da literatura joanina abundantemente confirma esse ponto de vista. Ver João 6.56; 1 João 2.6,10,14,24,27,28; 3.6,9,17,24; 4.12,13,15e 16, passagens nas quais, em todas elas, μένω denota um relacionamento espiritual presente”. Cf. GUNDRY, Robert H. In my Father’s house are many monai (John 14.2). *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche* 58, no. 1-2 (January 1, 1967): 68-72. Disponível em: ATLA Religion Database with ATLASerials, EBSCOhost. Acesso em: 27 out. 2011.

assegurado a seus discípulos. Por isso, pôde derramar sobre eles o Espírito prometido, cumprindo a promessa de João 7.39. Cumpria também a promessa de ir, preparar lugar e voltar para que eles não ficassem órfãos (14.3,18).

Assim, a volta de Jesus na vinda do Espírito Santo parece ser a interpretação correta dessa promessa. Ele prometeu receber seus discípulos para si mesmo para que onde ele “está” possam eles também estar (v. 3). É interessante observar que João não usa para as palavras de Jesus o futuro do presente (“para que onde eu *estiver* [ὄ] estejais vós também”) que seria o presente do subjuntivo grego, mas o próprio presente do indicativo (“para que onde eu *estou* [εἰμί] estejais vós também”).<sup>31</sup> A linguagem não sugere a projeção de um lugar onde Jesus estaria com os seus discípulos, mas de um estado ou situação em que ele já se encontrava e no qual seus discípulos também se encontrariam em breve.

Jesus iria para junto do seu Pai, como disse no v. 12, mas continuaria com seus discípulos, atendendo-lhes no que fosse pedido em seu nome, para que o Pai fosse glorificado no Filho (v. 13-14). A sua permanente presença com o Pai é afirmada nas expressões

Não crês que eu [estou<sup>32</sup>] no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece [μένων]<sup>33</sup> em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras (v. 10-11).

Essa união do Pai e do Filho já era uma situação presente e na qual os seus discípulos em breve teriam participação. O outro Consolador seria dado pelo Pai, a pedido do Filho, para que estivesse para sempre com os discípulos (εἰς τὸν αἰῶνα – sem mais despedidas, como no caso físico de Jesus). Esta era a garantia de que eles não ficariam órfãos. Em breve Jesus voltaria para eles.

É estando no Filho, em quem está “oculta” a nossa vida, que podemos estar também no Pai, como diz Paulo: “porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3.3). É devido a essa união com Cristo e, por conseguinte, com o Pai, que Paulo faz o apelo para o crente viver como alguém já ressuscitado com Cristo e assentado com ele nas regiões celestiais e buscar as coisas do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus (Ef 2.5-6; Cl 3.1). Na escatologia realizada de Paulo o crente é visto como alguém que já morreu com Cristo, ressuscitou com ele e está assentado com ele, pois sua vida está oculta nele. Quando Cristo se manifestar, será também a manifestação do crente com ele, em glória (Cl 3.4).

<sup>31</sup> Não é recebê-los nos céus ou em qualquer outro lugar, mas “para mim mesmo” (πρὸς ἑμαυτόν). Assim como o destino da ida não estava focado nos céus, mas no Pai, também o recebimento dos discípulos não estava focado em um lugar, mas em uma pessoa (a de Jesus).

<sup>32</sup> O verbo εἰμί não está presente aqui, mas é subentendido.

<sup>33</sup> Participio presente de μένω, o verbo raiz do substantivo μονή (morada), como já foi visto anteriormente.

## 2. CONTRIBUIÇÕES IMPORTANTES

A maior parte dos comentaristas não encontra problemas nessa passagem (14.1-3) porque não a considera como ligada diretamente ao contexto posterior. Dividem o capítulo em unidades distintas, cada qual tratando de um assunto relacionado com as diferentes promessas de Jesus neste discurso, a serem cumpridas em diferentes situações, como crêem, e sem, necessariamente, estabelecer um elo entre elas. Assim, interpretam 14.1-3 na forma tradicional, como se referindo apenas às moradas ou mansões nos céus, as quais Jesus foi preparar, e que serão habitadas por ocasião da sua segunda vinda; e 14.23 como se referindo à vinda do Espírito no Pentecostes para a habitação do Deus trino no crente. Com respeito a este último texto, no entanto, vários deles acrescentam uma perspectiva futura ao sentido dessa habitação do Pai e do Filho no crente, além da manifestação do Espírito Santo.

W. Hendriksen, por exemplo, interpreta a “morada” do v. 23 como a presença do Pai e do Filho no crente, cumprida parcialmente no Pentecostes através do Espírito Santo, e que receberá seu cumprimento final “na volta de Cristo, no novo céu e nova terra”.<sup>34</sup> D. A. Carson interpreta essa “morada” como sendo uma habitação na vida do crente, presumivelmente manifestada através do Espírito Santo, pois, como diz, “o texto não afirma isto explicitamente”. Ele acrescenta: “Qualquer que seja a interpretação, essa é uma antecipação, uma inauguração da experiência final e consumada de Deus após a parúsia”, e cita as passagens de Apocalipse 21.3,22 (comparadas com 1Rs 8.27; Ez 37.26,27 e Zc 2.10), a serem cumpridas nesta experiência final.<sup>35</sup> Ambos interpretam os versos 2-3 como falando das moradas no céu, que Jesus foi preparar, e o “voltarei” como se referindo à segunda vinda de Cristo. Carson entende que o preparo das moradas foi feito através da cruz e da ressurreição.<sup>36</sup>

Raymond Brown também divide o capítulo em unidades, mas admite que há conexões entre elas. Menciona a técnica joanina de fazer sobreposições de assuntos, em que a conclusão de uma unidade é o começo da próxima, e diz:

Essas três unidades 1-14, 15-24, 25-31 não são, contudo, divisões maiores como as que encontraremos nos capítulos xv-xvi, pois elas seguem razoavelmente uma linha de raciocínio consecutiva em toda a sua extensão. Se as tratamos em seções separadas neste comentário, é, realmente, por uma questão de praticabilidade.<sup>37</sup>

Mesmo assim, ele interpreta “casa de meu pai” como sendo o céu e “muitas moradas” como sendo habitações suficientes para todos ali. A figura

<sup>34</sup> HENDRIKSEN, William. *João. Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 650, 674-675.

<sup>35</sup> CARSON, D. A. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd, 2007, p. 505.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 488-490, e HENDRIKSEN, op. cit., p. 675.

<sup>37</sup> BROWN, op. cit., p. 623.

de uma morada ele associa a passagens como Lucas 22.29-30, e a promessa de ir e preparar lugar, à tipologia do Êxodo, em que Deus ia adiante do povo para procurar onde pudesse acampar, conforme Deuteronômio 1.33. Por essa razão eles nada deveriam temer (Dt 1.29). Assim, nessa tipologia, Jesus iria adiante dos seus discípulos à Terra Prometida, para preparar-lhes um lugar.<sup>38</sup>

Brown, todavia, reconhece a dificuldade de interpretar o verso 3 à luz de uma *parousia* distante e abre espaço para o entendimento de uma *parousia* mais iminente, pouco depois da morte de Jesus, com base em Mateus 26.29, João 21.22 e Apocalipse 3.20. Como tal *parousia* iminente não aconteceu, ele entende que a passagem de João 14.2-3 pode ser vista como uma possível reinterpretação desse tema, uma referência à vinda de Jesus por ocasião da morte dos discípulos, para levá-los ao céu. Segundo ele, as palavras de Jesus a Pedro no contexto anterior (13.36) podem refletir essa interpretação.<sup>39</sup> Mesmo fazendo essa concessão, Brown insiste em existirem dois aspectos da escatologia de João neste capítulo, uma final (v. 2-3) e outra realizada (o restante do capítulo), mas não deixa de admitir a dificuldade de conciliar dois usos diferentes de *μονή* na mesma passagem.<sup>40</sup>

Uma abordagem interessante, e que se ajusta em grande parte ao uso e sentido das palavras e expressões estudadas neste artigo, é encontrada em Robert H. Gundry. Ele vê como ponto chave para o entendimento da passagem o fato de Jesus não prometer que, no seu retorno, ele levaria seus discípulos para as moradas na casa do Pai, ou, como observa, pelo menos isso não está claro no texto e só pode ser deduzido por inferência. Em vez de levá-los às “mansões”, ele prometeu recebê-los para si mesmo para que “onde eu estou estejais vós também” (v. 3). Passa depois a fazer a conexão entre *μονή* e o verbo *μένω*, a mesma já feita neste estudo, e afirma que “as duas ocorrências de *μονή* em João 14” (que ele já salientara como sendo as únicas em todo o Novo Testamento)

... demonstram um relacionamento recíproco: assim como os crentes têm moradas em Cristo, também Jesus e o Pai têm uma morada em cada crente. A forma plural *μοναί* no verso 2 enfatiza a individualidade dos lugares que todos os crentes têm em Cristo. Inversamente, a forma singular *μονή* no verso 23 enfatiza que o Pai e Jesus moram em cada discípulo individualmente.<sup>41</sup>

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> Essa é a abordagem crítica da passagem, segunda a qual a promessa de João 14.2-3, embora mantida no texto, é reinterpretada pelo autor para explicar a não ocorrência da *Parousia*, da forma como ela fora primeiramente anunciada. É desnecessário dizer que essa abordagem não leva em conta o pressuposto da autoria do apóstolo João, ou, pelo menos, o da inspiração do autor.

<sup>40</sup> BROWN, op. cit., p. 623.

<sup>41</sup> GUNDRY, op. cit., p. 68-72.

Gundry passa a mostrar, então, que o tema recorrente do Discurso do Cenáculo, em que a passagem está inserida, é uma experiência espiritual presente, expressa em frases como “o Pai que habita em mim” (14.10); “ele [o Paráclito] habita convosco e estará em vós” [14.17]; “permanecei em mim e eu permanecerei em vós”; “se não permanecer na videira”; “se não permanecerdes em mim”; “quem permanece em mim e eu nele”; “se alguém não permanecer em mim”; “se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós” (15.4-7); “permanecei no meu amor” (15.9), etc., e conclui:

Poderia estar mais claro no contexto que a primeira coisa em que pensamos quando lemos “na casa de meu Pai há muitas μοναί” não são mansões no céu, mas posições espirituais em Cristo, assim como na teologia paulina? De fato, o vasto contexto da literatura joanina abundantemente confirma esse ponto de vista. Ver João 6.56; 1João 2.6,10,14,24,27,28; 3.6,9,17,24; 4.12,13,15 e 16, passagens nas quais, em todas elas, μένω denota relacionamentos espirituais presentes.<sup>42</sup>

Gundry continua mostrando que essa interpretação ganha mais substância a partir da profundidade de sentido que ela dá ao texto de João 14.6:

Em Cristo (diz ele), o crente tem “o caminho” que leva à presença do Pai, a “verdade” que revela o caráter mais íntimo do Pai, e a “vida”, que infunde nele a própria natureza do Pai. Estas são as presentes consequências de nossas posições em Cristo, assim como a recepção à sua imediata presença, por ocasião do seu retorno, é a consequência futura. Podemos, então, facilmente compreender por que Jesus disse: “eu vos receberei (ou tomarei) para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também”, em vez de, “eu vos tomarei (ou levarei) para as mansões celestiais na casa do Pai”. Os crentes já habitam em Cristo. Portanto, tudo que é necessário quando o encontrarem em seu advento é a recepção em sua imediata e pessoal presença por toda a eternidade. É isto exatamente o que ele prometeu. A recepção dos crentes por Jesus em sua vinda não terá como propósito levá-los às suas moradas; ela é resultante do fato de já estarem nestas moradas antes dele vir.<sup>43</sup>

Assim, ele conclui que a casa do Pai não é mais o céu, mas a família de Deus. E passa a mostrar como a figura de uma casa (οἶκία e seus cognatos) é uma das mais frequentes metáforas do Novo Testamento para o lugar que o crente ocupa na família de Deus. Gundry interpreta João 14.2-3 como se referindo à presente situação na “casa de Deus”, resultado da obra redentora de Cristo.

---

<sup>42</sup> Ibid

<sup>43</sup> Ibid.

Mas ele entende que há mais no contexto a ser explorado. O retorno de Jesus, após a ressurreição e a continuação de sua presença através do outro Paráclito, o Espírito Santo, prefigura a sua segunda vinda. A sua ida para preparar lugar foi uma ida tanto para a cruz quanto para o Pai, nos céus. Ele passa a considerar as expressões de Jesus “vou”, “voltarei para vós”, “vou para junto do Pai”, etc. (14.3,4,12,18,28) não apenas no contexto imediato da sua ida para completar sua obra e vinda através do Espírito, mas como também se referindo à sua segunda vinda (*parousia*). Até mesmo a figura de uma casa com quartos preparados se ajusta, segundo ele, ao conceito dos céus revelado em outros lugares, como no livro de I Enoque 39.4s; 45,3; II Enoque 61.2, cujos textos ele cita.

Para Gundry, então, a interpretação tradicional, segundo a qual Jesus está falando de sua ida ao Pai nos céus, onde irá preparar lugar ou moradas para seus discípulos e de onde retornará para recebê-los para que possam estar onde ele está, também está correta. Só está incompleta. Segundo ele, João 14.1-3 contém um exemplo de duplo sentido intencional. Ele vê na passagem traços da teologia proléptica de João, a tensão e a correspondência entre o já e o ainda não. De acordo com o primeiro sentido, Jesus fala de sua ida à cruz, do preparo de moradas na família do Pai através da sua morte, de seu retorno aos discípulos imediatamente após a sua ressurreição e do envio do Espírito para ministrar a sua presença continuamente com eles até que venha para receber os que já estão nele, para que possam estar com ele eternamente. E tudo isso antecipa o segundo sentido, conforme o qual Jesus fala de sua ida à casa do Pai no céu, seu preparo de moradas lá para os crentes, sua volta e sua tomada dos crentes para estar com eles nos céus para sempre, uma vez que eles já estão nele pela fé. No final, os dois sentidos se fundem.<sup>44</sup>

## CONCLUSÃO

Como foi dito na introdução, esta parece uma passagem de fácil entendimento, à primeira vista. Jesus consola os seus discípulos prometendo ir preparar lugar para eles, na casa do Pai, onde há muitas moradas, voltar e recebê-los para si mesmo para que estejam onde ele está (Jo 14.1-3). Por esta razão não deveriam estar perturbados. A grande maioria dos comentaristas entende que Jesus está falando do céu, como casa do Pai, onde há muitas moradas, e do seu retorno para levá-los como algo que acontece por ocasião da segunda vinda.

Contudo, esse quadro não parece assim tão simples à luz do contexto, se este for considerado como uma estrutura unificada, especialmente em vista da promessa que Jesus fez de não deixar os seus discípulos “órfãos” (v. 18). Se a passagem era para servir de conforto com a promessa da preparação de moradas nos céus e do retorno de Jesus para levá-los até lá, é preciso encontrar

---

<sup>44</sup> Ibid.

um outro sentido nessa promessa e nessa vinda. Que conforto os discípulos teriam se soubessem que ela não seria cumprida durante o seu tempo de vida ou se a aguardassem, sem ver o seu cumprimento?

Muitos têm se esforçado por oferecer soluções para esse problema e explicar a passagem à luz de outros fatos, especialmente à luz de todo o contexto do Discurso do Cenáculo, em que ela se insere. Algumas dessas interpretações foram aqui apresentadas, em particular as que poderiam oferecer boa contribuição para o entendimento do texto. Outras foram omitidas, não só por não terem respaldo bíblico, como a de críticos históricos, mas também por serem, algumas delas, por demais extravagantes, como as dos gnósticos, dos espíritas e dos panteístas, entre outros.

De tudo o que foi considerado, portanto, algumas conclusões podem ser extraídas, ainda que sem a pretensão de esgotar o assunto ou de dar resposta satisfatória a todas as questões envolvidas.

1. É preciso reconhecer que algumas das predições e promessas desse capítulo podem se referir a diferentes situações do relacionamento entre Jesus e seus discípulos e não precisam necessariamente ser consideradas como parte de uma mesma experiência ou de um mesmo episódio. A promessa de que os discípulos o veriam em breve, por exemplo, provavelmente teria o seu cumprimento durante o período em que Jesus apareceria a eles, depois da sua ressurreição (v. 19), mostrando que, como ele seria ressuscitado (“como eu vivo”), eles também o seriam (“vós também vivereis”). Sua ressurreição seria a garantia da ressurreição deles (cf. 1Co 15.20-21). Contudo, como interpreta Calvino, ainda é possível entender esse viver de Cristo em sentido espiritual, como sendo a fonte da vida espiritual dos discípulos; e o fato de ele poder ser visto, como sendo uma linguagem da percepção espiritual que os discípulos teriam dele, através dos olhos da fé, percepção essa que o mundo não poderia ter.<sup>45</sup> Essa não é uma interpretação de todo improvável, pois a permanência física de Jesus com eles se limitou apenas a alguns dias e não teria servido de maior conforto do que o de saber que ele estava vivo. Já a promessa do outro Consolador, que seria enviado pelo Pai em seu nome, se ajusta melhor à ideia de não deixá-los órfãos, pois ele estaria com eles para sempre (v. 16-17). A constância de João em usar metáforas e figuras para representar o relacionamento espiritual entre Cristo e os crentes, como visto no capítulo seguinte (15), também pode justificar essa interpretação.

2. Também é possível ver algumas dessas promessas sob dois ângulos, não propriamente diferentes, mas complementares, ou seja, referindo-se tanto ao futuro próximo quanto ao distante. É o que alguns chamam de escatologia

<sup>45</sup> CALVINO, João. *Commentary on the Holy Gospel of Jesus Christ according to John*. Grand Rapids: Baker, 1981, vol. 3, p. 94-95.

realizada e escatologia final. Quando ele diz que voltaria para receber os discípulos para si mesmo (v. 3), por exemplo, ele deveria estar falando de uma vinda iminente, que pode ser entendida como equivalente à prometida no verso 23. Desta forma, tanto a promessa de vir (v. 3) quanto a de não deixar os discípulos órfãos (v. 18) teriam o seu cumprimento nessa vinda de Jesus com o Pai para fazer morada naquele que é amado por eles (v. 23). É verdade que bem poucos intérpretes fazem a conexão entre esses dois textos (v. 3 e 23), ainda que tais textos sejam os únicos lugares, em todo o Novo Testamento, em que a palavra “morada” (μονή) é empregada.

Como vimos, Raymond Brown acha difícil trabalhar com essa passagem sem fazer essa conexão, embora ele próprio interprete “casa de meu pai” como sendo os céus e “muitas moradas” como sendo habitações lá. É exatamente em função dessa necessidade de se fazer a conexão com o contexto posterior que ele abre espaço para a teoria de que esses versos (2-3) originalmente se referiam à *parousia*, mas poderiam ter sido reinterpretados pelo autor para significar a morte do crente, evidenciando deste modo a tensão entre esse ponto de vista de 2-3 e a escatologia realizada do restante do capítulo. Essa posição se mostra inaceitável para quem acredita no pressuposto da inspiração do texto e, ao que tudo indica, da autoria do apóstolo João.<sup>46</sup>

3. Antes que pudesse enviar o Espírito da parte do Pai (Jo 15.26), Jesus precisava completar sua obra de redenção, que envolvia sua morte, ressurreição e glorificação (7.39). Com isso ele adquiriu todos os direitos com relação àqueles a quem o Pai lhe deu (17.9) e por quem rogava, inclusive o direito de enviar o outro Consolador, o Espírito da verdade (14.16-17). Esses que o Pai lhe deu são os que Isaías chama “a sua posteridade” e a redenção deles é o que ele denomina “o fruto do penoso trabalho de sua alma” (Is 53.10-11). Depois dessa obra realizada e aceita pelo Pai ele pôde enviar o Espírito para ficar para sempre com seus discípulos (Jo 7.39; At 2.33). Esse deve ser o sentido de “vou preparar-vos lugar” de João 14.2-3 e da escatologia realizada do restante do capítulo.

4. Ainda que a pessoa do Espírito Santo não esteja mencionada no verso 23, ela pode ser inferida não apenas do fato de as outras duas pessoas da Trindade (Pai e Filho) virem morar no crente, o que pressupõe a habitação de toda a Trindade, como também do ensino claro de outros textos que falam dela (Rm 8.11, 1Co 3.16 e 2Tm 1.14). Assim, a promessa do v. 3, “voltarei e vos recebereis para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós também”, teria seu cumprimento parcial ou sua inauguração na experiência do Pentecostes. Seu cumprimento final ou escatológico pode ser visto como acontecendo depois da *Parousia*, quando então essa habitação de Deus com o seu povo será uma

<sup>46</sup> Ver observação sobre esse ponto de vista na nota 39.

realidade visível na nova Jerusalém: “Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21.3), cumprindo cabalmente a profecia de Ezequiel 37.26-27: “Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre. O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”.

5. A figura do tabernáculo e do templo como habitação de Deus (casa do Pai), e mais tarde do próprio corpo de Cristo como lugar desta habitação, vista neste estudo, faz coro com a declaração de Apocalipse 21.3. O que é esse santuário ou tabernáculo, na sua escatologia final, João o descreve nas palavras de Apocalipse 21.22: “Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro”. A casa de Deus na terra, depois da ascensão de Jesus e do derramamento do Espírito, passou a ser a própria igreja como corpo de Cristo, no qual o crente está inserido e vive e do qual ele, Cristo, é a cabeça (1Co 3.16; 6.19; 2Co 6.16; Ef 2.21-22; Cl 1.18; 1Tm 3.15; Hb 3.6; 1Pe 2.5). Paulo cita a passagem de Ezequiel 37.26-27, acima mencionada, como já tendo cumprimento parcial na igreja terrena, em nós, como santuários do Deus vivo: “Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (2 Co 6.16). É a escatologia realizada do conceito de “casa de Deus”. Igualmente a figura da videira e dos ramos de João 15 (que também faz parte deste discurso), assim como as passagens que falam sobre “permanecer” ou “estar” em Cristo (conforme a ligação feita entre *μονή* e *μένω*), e a ênfase de Paulo no “estar em Cristo”, são referências a esta realidade da atual habitação do Deus trino nos crentes, que será mais plenamente conhecida no novo céu e na nova terra.

Esta interpretação não diminui a esperança e a expectativa que tem o crente de gozar das bem-aventuranças prometidas para a vida na Jerusalém celestial, no novo céu e na nova terra. Pelo contrário, ela as assegura pelo fato de mostrar que aquele que está em Cristo já habita com o Deus trino, mesmo nesta vida, e estará, quando do advento de Cristo, a habitar para sempre no tabernáculo de Deus com os homens, que é a sua própria presença.

## ABSTRACT

The goal of the present article is to explain the meaning of some promises of consolation made by Jesus to his disciples in John 14:1-3, due to his returning to his Father. The author takes expressions like “my Father’s house”, “dwelling-places”, “to prepare a place”, “I will come again”, “take you to myself”, and so on, not as isolated promises, but as statements that must be seen in connection with the entire Upper-Room Discourse and, particularly, with chapter 14. His premise is that, in order to be a comfort to the disciples, under

those circumstances, the promise of Jesus to return and take them to himself should point to an imminent fulfillment and not to his second coming. Prior to his return, though, he would first have to complete the work of redemption through his death, resurrection and exaltation to the Father's right hand. That was what he meant by "I go to prepare a place for you". His exaltation was the proof that God accepted his work and that he was now ready to return to be with his disciples, not physically as before, but through the "other Comforter", the promised Holy Spirit. This dwelling would be accomplished both by the Father and the Son. However, the author points out that this way of interpreting the passage does not diminish the importance and blessedness of the second coming, the *parousia*, for the dwelling that the believer enjoys now with the triune God will have its full and glorious manifestation in the new heavens and new earth, where "the temple is the Lord, the God Almighty, and the Lamb".

### **KEYWORDS**

My Father's house; Dwelling-places; *Monai*; Temple; *Parousia*; House of God.